

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : OESP

CLASS. : 40

DATA : 10 10 90

PG. : 13

Para jornal, floresta terá mais queimadas

JAMES BROOKE
The New York Times

PARAGOMINAS — Em cima de uma torre de observação de 15 metros de altura, um ecologista norte-americano observa uma paisagem que está se tornando cada vez mais comum no leste da Amazônia: vacas brancas pontilhando campos de pastagem que se estendem até o horizonte distante da floresta tropical. "Depois de ser abatida para fazer pasto, a floresta está acabada para sempre?", pergunta o ecologista C. Nepstad. "Isso é o que se pensa nos Estados Unidos e Europa."

"Este é o futuro", afirma Nepstad, apontando para um terreno abandonado e usado como pasto há dez anos. Nepstad defendeu recentemente sua tese de doutorado sobre regeneração da floresta tropical da Amazônia pela Escola de Estudos Florestais e Ambientais da Universidade de Yale. "Vai faltar um bocado de animais e de espécies de árvores, mas continuará sendo uma floresta."

Desde 1984, uma equipe de pesquisa financiada pelos Estados Unidos vem investigando o impacto do homem sobre a floresta, e os pesquisadores acreditam que suas descobertas alertarão quanto às tendências futuras da penetração do Brasil em sua vasta floresta tropical, que toma novas formas nos anos 90. Os pesquisadores descobriram que as condições para grandes queimadas devastadoras continuam existindo, e que a regeneração de porções de terra usadas como pastagem depende da intensidade com que o terreno foi utilizado.

Aumentando muito nos anos recentes, a extração de madeira na região da Amazônia responde atualmente por cerca da metade da produção total do Brasil. Em 1976, correspondia a apenas 14%. O nú-

mero de espécies comumente comercializadas saltou de 6 nos anos 50 para aproximadamente 140 nos dias de hoje. Em Paragominas, no Pará, havia uma serraria em 1970. Hoje são 300. De acordo com os cálculos de um cientista, a ser mantido o ritmo atual, a maior parte da floresta amazônica poderá ser seletivamente abatida até meados do próximo século.

Um estudo realizado pela ecologista brasileira Ima Célia Guimarães Vieira mostra que apenas 2% das árvores foram abatidas. O abate seletivo, porém, deixou uma trilha de destruição: 26% das árvores com troncos com mais de dez centímetros de diâmetro foram mortas ou danificadas. De acordo com o mesmo estudo, 12% perderam a copa por traumatismo, 11% foram arrancadas por tratores e 3% tiveram suas cascas arranhadas. O corte de 2% das árvores causou ainda a redução de metade da cobertura da floresta, que passou de 80% para 43%, o que torna a região mais vulnerável a futuras destruições pelo vento, incêndios e trepadeiras.

Por causa da umidade, florestas tropicais virgens raramente se incendeiam na Amazônia. Mas se comparada com uma floresta virgem, a floresta de extração seletiva de Paragominas é 25% mais seca e 33% mais quente. Tem três vezes mais material combustível, como galhos mortos, trepadeiras e árvores novas.

Rancheiros e fazendeiros do local e no resto da Amazônia usam normalmente fogo para limpar capim e brotos de árvores em pastagens perto de florestas arbóreas. Foram condições semelhantes que criaram o gigantesco incêndio na Indonésia em 1982 e 1983, quando foram queimados 32.400 quilômetros quadrados de floresta tropical, destruindo aproximadamente US\$ 5,5 bilhões em madeira.